

AS LINGUAS CLASSICAS EM RESPOSTA A UMA FORMAÇÃO CULTURAL PARA HOJE

Aires A. Nascimento

Universidade Clássica de Lisboa

A intenção proclamada de construir uma Europa em que a primazia das referências seja não já de ordem económica nem política, mas cultural, traz urgência a uma reflexão que, não sendo de agora, leva, também hoje, a perguntar pelo lugar que vai caber às línguas clássicas no novo contexto.

A razão está em que, por muito que queiramos simplificar ou complexificar a resposta quanto aos factores que fizeram a Europa, ou por muito que seja de alargar o conceito de cultura¹, não se poderá negar que às letras clássicas pertenceu a parte principal na formação da consciência cultural europeia e a elas se deve a preservação do sentido de continuidade da cultura ocidental.

Quando na Europa dos nossos dias se acentua a procura de convergência cultural e ao mesmo tempo se afirmam as diferenças como direito de identidade própria, será pertinente perguntar se os

dois factores, para coexistirem na oposição que supõem, não terão de assentar em base comum que motive e legitime o processo encetado, sem provocar desconfianças de absorção, e garanta dinâmicas de entrosamento, expansão e intercâmbio. As razões de fundo para a convergência sem diluição, na medida mesma em que acolhem o sufrágio generalizado, são certamente menos circunstanciais e expeditivas do que as estratégias ditadas por regras de comércio. A convergência é tanto mais desejável quanto mais corresponde a aspirações enunciadas ao longo de séculos por quem constituiu o património comum que se deseja partilhar. As letras clássicas, as *litterae humaniores*, são nesta conjuntura duplamente interpe-ladas: como objecto de partilha e como instância crítica e dinamizadora.

Não são elas obviamente toda a cultura europeia, mas representam uma parte significativa dessa cultura, assumida como criatividade, como fonte e como

1. Contam-se em número bastante largo as definições de cultura; cf. G. Costanzo. *La costruzione dell'uomo. Elementi di antropologia culturale*, Roma, 1970, p. 25 -32.

relação crítica. Trazem consigo um passado de créditos firmados já que foi em torno delas que se formaram os períodos culturais mais intensos e se teceram os debates porventura mais decisivos para a identidade, o reconhecimento e a continuidade da cultura ocidental. Os vários renascimentos europeus tiveram-nas como marco de referência, pelos valores de humanismo que representam. Os próprios momentos de crise acabaram por se avaliar em confronto com elas. Sem presumir do tempo em que vivemos, nem desvalorizá-lo, não podemos deixar de aprender com os que nos precederam. A Europa que se pretende cultural não pode aspirar a conhecer-se sem fazer o processo do estatuto que atribui às letras clássicas e sem se confrontar com o lugar que lhes coube nos momentos mais marcantes da sua história.

1. O processo da aceitação das letras no mundo ocidental como valor comum confunde-se e identifica-se em grande parte com o do estatuto das letras clássicas. Diversas foram as vicissitudes, pois, não obstante ter sido reconhecido o valor instrumental da palavra e apesar da superação relativamente rápida da fase do aprisionamento da escrita à administração para fazer dela instrumento de memória e tornar esta potencial de saber gerador de nova relação do homem consigo mesmo e com os outros, nunca foi pacífico confiar à escola a função de recuperar, pela leitura, aquilo que o texto é por intenção. Uma vez institucionalizada,

a escola corre sempre o risco ou de instrumentalização ou de desconfiança e acusação de inércia caso não corresponda ao modelo que do exterior lhe prefiguram.

Ora, se intentamos recuperar o processo escolar na sua intenção de origem há uma função que lhe pertence fundamentalmente: a iniciação em linguagens de grupo. A mediação da escola é tanto mais necessária quanto essas linguagens são criativas e estão na origem ou se inserem em tradição de sucessivas gerações e quanto os textos se impõem como objecto de fruição e fundamento de compreensão dos momentos mais intensos do viver colectivo. Constituir essa mediação sem exclusivismos nem tempos nem de situações nem de destinatários, mas na base de critérios de funcionalidade de leitura é uma exigência de participação na vida comum, da gratuidade do acto poético e da razão de ser da própria escola.

Não têm sido raros, no entanto, os escolhos, as hesitações e os desvirtuamentos, em nome das melhores intenções. A história das letras clássicas é paradigmática e premonitória. Não basta, na verdade, criar sonhos; é necessário que outros possam neles participar com capacidade de escolha.

Paradoxalmente², é o racionalismo de Platão levado às extremas consequências que propõe o afastamento dos poetas da cidade ideal³.

2. H.-I. Marrou, *Historie de l'éducation dans l'Antiquité*, Paris, 1965, p. 122.

3. *Rep.* II-III, 377a-392b; X, 595a-608b; *Leg.*, VII, 810c. - 811b.

Roma, enquanto absorvida pela política de dominação dos povos, questiona-se sobre a admissão das letras, mas depressa se dá conta de quanto elas podem contribuir para fundamentar e dar solidez á *pax romana*⁴.

É, contudo, um imperador romano, Juliano Apóstata, quem intenta limitar o seu acesso a um grupo. Os motivos são de ordem confessional, mas recordam todas as manipulações posteriores: consciente da ruptura iminente que o cristianismo representa no Império e pretendendo travar-lhe o avanço, proíbe as escolas cristãs de se servirem dos textos clássicos⁵.

A sua derrota política susteve a ameaça, mas a questão não era pacífica para os próprios cristãos quanto à compatibilidade entre fé evangélica, conversão cristã e manutenção de fidelidade às raízes culturais.

Jeronimo (a quem Lüdwig Traube apelidou de «Aristarco cristão» e não pode ser considerado menos conhecedor das letras clássicas) na procura do caminho do deserto, arrastra consigo o conflito de consciência entre a leitura dos autores tradicionais e o abandono do mundo; dis-

cípulo de Donato que era, sentia a renúncia às riquezas mais fácil que o desaparego pelos autores em que se formara; em sonho catalisador de preocupações e de angústias, reconhece-se vítima de vivências não integradas e confessa-se réu, indefeso, diante de um tribunal em que o juiz dita sentença implacável: *ciceronianus es, non christianus*⁶. A situação era mais de diagnose de um problema do que adesão a um conflito, pois o próprio Jerónimo não deixou de praticar a conciliação e de recomendar. Como lembra E. Curtius, «a sua famosa carta a Paulino de Nola constitui um denso tratado sobre o tema santidade e cultura. De capital importância é a Carta LXX dirigida a Magno, que lhe havia perguntado porque costumava aduzir exemplos da literatura profana; a resposta do santo contém todo um arsenal de argumentos que se repetirão ao longo da Idade Média e mesmo em tempos do humanismo italiano: Salomão (Prov. 1, ss.) recomendou o estudo dos Filósofos, e S. Paulo citou poesias de Epiménides, de Menandro e de Arato; em seguida, S. Jeronimo interpreta alegoricamente uma frase da Escritura, aduzida depois inúmeras vezes para defender o aproveitamento da ciência antiga em benefício do cristianismo: no Deutoronómio, XXI, 12, Javé havia

4. H.-I. Marrou, *Op. cit.*, pp. 339 ss.

5. A lei é de 17 de Junho de 362 (*C. Theod.* XIII, 3, 5). Como faz notar H.-I. Marrou, *Op. cit.*, p. 463, «O texto da lei falava simplesmente em submeter o exercício da profissão pedagógica à autorização prévia dos municípios e à sanção imperial, a pretexto de assegurar a competência e a idoneidade moral do pessoal docente. Mas, por uma circular anexa (JUL. Ep. 61 c), Juliano precisava o que se devia entender por idoneidade moral. Os cristãos que explicam Homero ou Hesíodo sem acreditar nos deuses que estes poetas colocam em cena são acusados de falta de sinceridade e boa-fé, pois ensinam algo em que não acreditam. São por isso intimados ou a apostatar ou a abandonar o ensino». Cf. *Ouvres complètes* - Tome I - 2.e partie: *Lettres et Fragments*, ed. trad. J. Bidez, Paris, Les Belles Lettres, 1924, pp. 72 ss.; *Aduuersus Galliaeos*, in *The woks of the Emperor Julian*, ed. tr. W. C. Wright, III, Londres, 1969. Amiano Marcelino (XXII, 10, 7) é peremptório no seu juízo: «Illud autem erat inclemens, obruendum perenni silentio, quod arcebat docere magistros rhetoricos et grammaticos, ritus Christiani cultores». Sabemos o que fizeram homens como Mário Victorino que renunciou à sua cátedra.

6. *Ep. ad Eustochium*, 22, 30.

ordenado que quando um israelita quisesse desposar uma cativa pagã devia cortar-lhe o cabelo e as unhas; do mesmo modo, o cristão que aprecia a sabedoria profana deve purificá-la de todo erro para torná-la digna de servir a Deus»⁷. O conflito pessoal em Jerónimo, se existiu, não se transforma, pois, em ruptura cultural nem é resolvido pela eliminação de um dos termos. Como conselheiro espiritual de Eustóquio, que havia decidido seguir vida de clausura, recomenda Jerónimo a abstenção de leituras profanas. Porém, a Rufino que estranha a manutenção de referências a antigos autores, responderá ele com a urgência, se não mesmo inevitabilidade, de não dispensar a inserção no mundo cultural que as letras representam. Não por expediente de conveniência, mas como modalidade de linguagem que melhor exprime a maneira de estar dos homens na história. A Ep. 57 (*De optimo genere interpretandi*), magna carta da tradução, tem de ser lida e interpretada na funcionalidade de inter-relação cultural e de aprendizagem de *translatio studii* (de rotação cultural) quando vários mundos se encontram frente a frente: nesse momento haverá que actuar com a sensibilidade e a disponibilidade de quem sabe atender aos tesouros acumulados e fazer actuar o sentido da integração sem fechar as por-

tas em nome de critérios restritos (que se arriscariam a não se compreender a si próprios caso ignorassem os outros). Esta rotação incarna-a Jerónimo, independentemente das controvérsias imediatas que dão origem às suas intervenções.

Também Agostinho entende de forma integradora e conciliatória o caminho de conversão que levava até ao Evangelho sem abandonar as riquezas da cultura tradicional. Em seu favor, tal como Jerónimo na Ep. 70 a Magno, podia aduzir o exemplo de escritores cristãos, como Cipriano, que não haviam recusado a beleza formal aprendida nos autores da tradição para exprimir a nova mensagem. E, numa formulação de teor dialéctico-jurídico, que recolherá a adesão dos séculos seguintes, Agostinho lembra que a verdade e a beleza não são património de grupo, pois pertencem a todos os homens resgatados das servidões do mal; testando o plano dos princípios com o da demonstração bíblica, insiste em que tal como os israelitas puderam tornar-se donos, por direito próprio, das riquezas materiais dos egípcios, assim também os cristãos se podem servir das riquezas culturais dos antigos sem serem acusados, por uns, de usurpação de bens de cultura e, por outros, de infidelidade de doutrina⁸.

(7) E. R. Curtius, *Literatura europea y Edad Media Latina*, Trad. esp., México, 1976, p. 67. Numa interpretação global da atitude de Jerónimo, ter-se-á de reconhecer que há nela suficiente coerência, ainda que se deba também reconhecer alguma evolução, e não corresponde a um expediente tardio em luta contra um adversário. «Desde 383, Jerónimo conheceu o tema antiidolátrico [das letras] e admitiu que podemos deixar-nos "enamorar" pelas letras profanas (Ep. 21, 13, 9: "Cauendum... ne captiuam habere uelimus uxorem, ne in idolio recumbamus; aut si... fuerimus eius amore decepti, mundemus eam..."). Seria pois simplista opor o rigorismo de 384 [Ep. 22] á condescendência de 397 [*Apologia contra Rufinum*] (condescendência muito relativa: purificar a cativa é trabalho duro [Ep. 21,13,6: radimus, ferro acutissimo desecamus; 66,8,4 ss: *decalua/ secal/ laua*; 70, 2,5: *praecido/rado*]). O asceta, ao exortar uma discípula [Eustóquio] á renúncia não pode exprimir-se como o homem de letras que defende perante um seu par a sua concepção de cultura: "Aliud est dicere discipulum, aliud aduersarium uincere" (Ep. 49,13,6). P. Lardet, *L'Apologie de Jérôme contre Rufin*. Un Commentaire, Leiden, 1993, pp. 124-125.

8. *De doctrina christiana*, II, 60-61.

Quer isto dizer, pois, que, conquanto se aduzam novos conteúdos, a linguagem mantém o seu valor instrumental e toma-se indispensável como forma de comunicabilidade. Os novos conteúdos não se sustentam no vazio e são tanto melhor transmitidos quanto se servirem das linguagens existentes, pois só estas permitem entender a mensagem e reconhecer o grau de conciliação possível com os valores admitidos.

A superação de eventuais radicalismos, facilmente explicáveis em momentos de viragem, valeu-nos a salvaguarda de um dos melhores e mais vastos patrimónios literários que o mundo jamais conheceu. Cassiodoro não hesita em fazer da cópia dos autores antigos a principal ocupação dos seus monges. E se Bento de Núrcia abandona a carreira das letras pela do recolhimento, preferindo ser *scienter nescius et sapienter indoctus*, o seu próprio projecto de vida em comun contribui decisivamente para preservar a memória das letras clássicas; o Papa Gregório Magno, que assim retrata a sua decisão, não é menos sensível à função propedêutica que elas desempenham relativamente à *lectio monastica* ⁹.

As consequências destas decisões conhecemo-las. Mesmo quando limita-

das nos motivos expressos, acabaram por construir mediações fundamentais para a cultura europeia quando outras instâncias, nomeadamente a escola, deixaram de corresponder ao que deveriam cumprir. É a consciência do obnubilamento do património literário que leva o bispo Isidoro de Sevilha a organizar a síntese do saber antigo para o transmitir ao seu tempo¹⁰. O mundo europeu saído das invasões bárbaras, e agora transformado em *oecumene* da cristandade, pode perceber a distância que o separa das fontes culturais de que se reclama. O próprio Isidoro aponta as diferenças que os falares comportam¹¹. Mas, na relação que se constrói, sente-se a marca da continuidade. Cumpre-se agora de algum modo aquilo que Ataulfo ansiara tempos atrás: a *Ghotia* transformava-se em *Romania*¹², sem ter de repetir experiências anteriores, mas beneficiando delas.

É em nome da ortodoxia da fé que Carlos Magno reclama uma conversão dos hábitos linguísticos e recupera a tradição das letras. A *Epistola de litteris colendis*, que nos chegou na versão dirigida ao Abade Baugulfo¹³, forma um ponto de partida. O seguimento será nova recuperação das fontes clássicas sob orientação de mestres reunidos de

9. Será de recordar o seu comentário: «Os espíritos malignos retiram do coração de alguns o desejo de aprender a fim de que desconhecendo as ciências profanas não atinjam a profundidade das coisas espirituais» (*In Reg.* V, 84). A carta que ele envia a Desidério, bispo de Viena (*Ep.* XI, 34), tem de interpretar-se como uma censura relativamente à cultura tradicional. Cf. P. Riché, *Écoles et enseignement dans le Haut Moyen Âge*, Paris, 1979, p. 32.

10. Cf. Manuel C. Díaz y Díaz, «Introducción general» a *San Isidoro de Sevilla. Etimologías*, Madrid, 1982.

11. *Et.*, IX, 1, 6 ss.

12. Cf. Oros., *Hist.* 7, 43, 5.

13. *MGM, Capit.* I, p. 79.

vários pontos do mundo que nem por desejar ser *respublica christiana* é menos uma *respublica litterarum*¹⁴. Se os argumentos invocados na carta a Baugulfo nos parecem frustrados, o objectivo final estava à altura do grande imperador que intentava não só melhorar a administração do império através de funcionários capazes, mas se empenhava principalmente em salvaguardar uma identidade que poderia diluir-se perante ameaças externas e precisava de afirmar-se perante o próprio Império de Bizâncio¹⁵.

A decisão terá efeitos no imediato ou a mais longo prazo. A escola renova-se, os interesses alargam-se, as responsabilidades de memória tornam-se mais consequentes, ainda que nem todos os beneficiários posteriores tenham disso consciência¹⁶.

Não é propriamente em nome das letras clássicas que surge a Universidade europeia nos sécs. XII-XIII. Não se pode porém esquecer todo o movimento que a precedeu¹⁷ e que não deixou de influenciar atitudes fundamentais perante os textos: estes são recuperados nos *originalia*, o que quer dizer na sua integralidade e não já em excertos; a leitura aprofunda-se em comentários que ultrapassam os anteriores *accessus ad auctores*. O resultado é uma nova dinâmica de interesses científicos em que inclui o próprio estudo da linguagem¹⁸ em que se elabora uma nova terminologia científica¹⁹ e se experimenta a renovação da linguagem, mantendo viva tanto a relação com os falares quotidianos como a dependência da tradição. Os textos clássicos formam novas medições no alargamento das relações culturais. O trabalho dos tradutores de Toledo²⁰ significa o culminar de um processo de descoberta colectivo que reverte

14. As decisões de Carlos Magno não são tomadas de improviso. Ele próprio fora educado numa corte aberta à cultura. São os seus encontros em Itália que o levam a decisões mais directas nesta área; daí traz Pedro de Pisa, Paulino de Aquileia, Paulo Diácono e a eles junta o bispo Teodulfo, representante da tradição hispânica visigótica; é em Parna que se encontra com o anglo-saxão Alcuino de York. A carta *De litteris colendis* é considerada da autoria de Alcuino. Não foi um acto isolado pois é seguida de outras advertências sobre a instrução do clero e chegam a prever-se subsídios para os que aleguem dificuldades económicas (F, p. IV, 532). Cf. P. Riché, *Op. cit.* p. 71 ss.

15. Ilusão ou não, a perspectiva do casamento do imperador com a imperatriz de Constantinopla, bem como a encenação da coroação imperial em Roma não deixam de traduzir, se não um plano, pelo menos um ambiente em que as letras clássicas tinham uma função prevista.

16. A condenação que os Humanistas do Renascimento fizeram à Idade Média não se adequa ao aproveitamento que fazem do seu legado, acriticamente assumido como pertencente a outro tempo.

17. Cf, por ex., Ch. H. Haskins, *The Renaissance of the Twelfth century*, Cambridge Mass., 1971; L.J. Paetow, *The Arts Course at Medieval Universities with special Reference to Grammar and Rhetoric*, Illinois, 1910; J. de Ghellinck, *L'essor de la littérature latine au XII. e siècle*, Paris, 1954.

18. Não será sem interesse registar quanto reputados linguistas consideram este período como um dos mais inovadores na ciência da linguagem (R. Jakobson será autoridade a reter). Cf., para referência, Konrad Koerner, «Medieval Linguistic Thought», *Historiographia Linguistica*, 7, 1980, 1/2, 265-299.

19. Tenham-se em conta as investigações que vêm sendo levadas a efeitos pelo CIVIMA sobre o vocabulário intelectual da Idade Média, sob orientação de Olga Weijers (vários fascículos publicados por Brepols, Turnhout, a partir de 1988).

20. Não são, como se sabe, os primeiros, pois há que ter em conta, entre outras, as experiências de Gerberto de Aurillac na Catalunha já nos finais do séc. X, e bem assim as de Constantino Africano, no Monte Cassino na segunda metade do séc. XI. Impõem-se todavia pelo número de tradutores, vindos de diversas partes da Europa (o principal dos quais é Gerardo de Cremona), e de obras traduzidas. Cf. Danielle Jacquart, «L'école des traducteurs», in Louis Cardaillac (dir.), *Tolède, XII. e-XIII. e - Musulmans, chrétiens et juifs: le savoir et la tolérance*, Paris 1991, pp. 177-191; J. S. Gil, «The translators of the period of D. Raimundo: their personalities and translators (1125-1187)», in *Rencontres de Cultures dans la philosophie médiévale-Traductions et traducteurs de l'Antiquité tardive au XIV. e siècle (Actes du Colloque international de Cassino 15-17 juin 1989)*, Louvain-la-Neuve-Cassino, 1990, pp. 109-120.

em favor de novo dinamismo da cultura europeia. Bernardo de Chartres interpreta da melhor maneira esse dinamismo ao acentuar que os ombros da antiguidade é impossível avistar mais longe; o seu *nani gigantum humeris insidentes* retoma, na verdade, o *iuvenes perspicaciores* de Quintiliano e marca a continuidade.

A Renascença quinhentista assume perspectivas algo diversas e prefere acentuar a diferença para melhor recuperar a identidade. Letras clássicas e letras vernáculas são dois mundos autónomos (acentuara-o Dante²¹ e bastavam as suas próprias produções literárias para o confirmar). Não são, porém, dois mundos nem hostis nem independentes. O aprofundamento da relação de origem tanto serve a valorização do modelo, como contibui para desencadear processos criativos que respondem ao dinamismo dos novos tempos. Dizer de novo, na tensão da *imitatio*, é aceitar a *emulatio* de dizer melhor, se possível, ou ganhar a atitude fundamental da *contemplatio*, que só é passiva se for estática; e só é estática quando deixa de ser *speculativa* (o contrário precisamente do que propunha um génio que era um místico, como era Anselmo de Cantuária ou como Tomás de Aquino, Boaventura, Duns Scoto e tantos outros dignos representantes de uma Idade Média que assentando sobre os antigos soube assumir o sentido da criatividade).

Os efeitos deste diálogo verificam-se nas criações literárias que marcam os chamados períodos clássicos das literaturas europeias e que ocorre em momentos distintos nos diversos países. O prolongamento para o período barroco, porém, perdeu vitalidade e os clássicos são contestados por reacção ao convencionalismo²². A recuperação por via erudita evita semdúvida o esquecimento, mas não encobre as distâncias que por vezes se traduzem em nostalgias românticas.

A interrupção acaba por verificar-se formalmente com a criação da Escola Politécnica, em 1794, quando, em pleno período da Revolução Francesa, se decide seleccionar as futuras elites por meio de um concurso baseado nas matemáticas e num exame dito «moral» destinado a verificar a ortodoxia revolucionária do candidato. Se, alguns anos mais tarde, Napoleão I toma a decisão de voltar a uma prova de latim, os equívocos instalam-se. «Latim e matemáticas ficavam como pilares de toda a educação durante o Império; não porque estas duas disciplinas forjassem homens de qualidade ou porque veiculassem valores humanistas, mas simplesmente porque se apresentavam como técnicas de aprendizagem cuja assimilação era verificável. Estas duas matérias tinham ambas a virtude de seleccionar rigorosamente os espíritos que supostamente eram os melhores; desempenhavam ambas um papel de aprendizagem seve-

21. Tenha-se em conta o seu *De vulgari eloquentia*.

22. Gilbert Highet, *La tradición clásica*, trad. esp., II, México, 1954, p. 102 ss.

ra. Em suma, tratava-se de disciplinas no duplo sentido do termo, em que o valor do adestramento não era o menos acentuado»²³.

Conhecemos as consequências de uma tal situação. A vinculação do latim a prova de selecção não lhe foi benéfica. Não tanto por reacção psicológica, mas sobretudo porque, em grande parte, se assentou o seu ensino e a defesa do seu valor em aspectos formais, deixando esquecida a sua função instrumental de acceso a uma cultura que dele se serviu por longos séculos e continua presente em múltiplas expressões do nosso tempo.

A sensibilização que sofreu a vida moderna e teria ensinado os homens a viverem melhor. Como acentua Gilbert Highet²⁴, «a diferença entre um homem culto e um homem sem cultura é que este vive só para o momento, lendo o seu jornal e vendo o último filme, enquanto o homem culto vive num presente muitíssimo mais vasto, nessa eternidade vital em que os salmos de David e os dramas de Shakespeare, as epístolas de S. Paulo e os diálogos de Platão falam com o mesmo encanto e a mesma força que os fizeram imortais no instante em que os escreveram».

Será possível recuperarmos esta dimensão para os homense do nosso tempo?

2. Em causa está o próprio âmbito de cultura. Aponta-se hoje para um conceito abrangente que as próprias organizações internacionais consagraram. A Conferência Mundial sobre políticas culturais, realizada no México em 1982, sob égide da UNESCO, definia-o de forma elucidativa: «No seu sentido mais amplo, a cultura pode hoje considerar-se como o conjunto dos traços distintivos, espirituais e materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. A cultura dá ao homem a capacidade de reflexão sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos e eticamente comprometidos. É por ela que o homem se exprime, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projecto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, busca incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem»²⁵. Dito de outra forma, «cultura é o conjunto de valores, crenças, propostas, modelos, instituições e estruturas com que um grupo humano traduz e comunica o próprio modo de acercar-se da realidade, de captar os seus múltiplos aspectos e de estabelecer as suas relações»²⁶. Como se verifica, considera-se sujeito de cultura o grupo humano e como destinatário / beneficiário o homem. Falta declarar

23. Jean Dhombres, «Regards extérieurs sur les langues classiques - regard d'un mathématicien: un regard peut cacher un autre», in Cnarela - *Les états généraux des langues anciennes*, Strasbourg, 1987, p. 41.

24. *Op. cit.*, n. p. 365.

25. Cit. de *Cultures: notre avenir*, ap. I. Ribeiro da Silva, «O desafio da cultura», *Brotéria*, 134, 1992, 329-334.

26. C. di Sante, «Cultura y liturgia», in *Nuevo Diccionario de Liturgia*, dir. Domenico Sartore - Achille M. Triacca, trad. esp., Madrid, 1987.

quais os meios instrumentais que estabelecem a articulação entre um e outro.

Durante séculos, na tradição ocidental, atribuiu-se essa função às *litterae humaniores*, com os «ritos de passagem» efectuados pela escola. Dessa expressão retém-se hoje a confiança no homem para atingir situações mais humanizantes, superando-se no seu próprio esforço e reconvertendo-o em reflexão de experiência, em auto-revelação e em solidariedade com os outros. A cultura é antropogenética, de tal modo que se o homem faz a cultura também a cultura faz o homem. Mas não nos é já possível pensar a cultura exclusivamente na sua modalidade de saber fundamentado na tradição literária e esta vinculada a modelos fontais de autoridades.

Retém-se igualmente a funcionalidade do processo da escrita-leitura, que através do registo assegura a reversibilidade de análise sobre a articulação dos diferentes momentos discursivos e obtém um melhor efeito de comunicabilidade ou de consciência do factor tempo. Mas hoje a escrita e o livro surgem apenas como modalidades entre outras para representação na ausência e a recuperação em tempo diferido.

As ciências humanas ganharam igualmente em distanciamento operativo que não implica dependência dos antecedentes de épocas anteriores nem

dos testemunhos das letras clássicas. Nas ciências da linguagem e nas ciências do texto a metodologia de trabalho distancia-se também.

Ao saber humanístico contrapõe-se, por razões manifestas, o saber científico. «Há diferença profunda entre o saber científico e as formas de saber fundado na tradição: este exige a conservação integral de um *corpus* de verdades, por princípio inalterável, e concebe o processo do saber como actividade hermenêutica, enquanto interpretação desse *corpus*; o outro, o saber científico, visa a descoberta de algo novo, de irredutível aos resultados anteriormente adquiridos»²⁷.

A especialização de saberes, correspondentes basicamente a funções específicas, é uma realidade irrecusável. Perante tal especialização, temos por isso de nos perguntar se a irredutibilidade de métodos e de conteúdos significa incompatibilidade. A resposta, na óptica do humanismo, é, em termos simples, a de que, se o homem é sujeito de reconhecimento, ele tem de ser também o destinatário das diferentes formas de saber e estas não podem deixar de tender para a harmonização e para a reactivação recíproca, ainda que sem o “englobamento” que a superação de uma teoria científica supõe relativamente a outra. Ora, por mais críticos que possamos ser relativamente à cultura do nosso tempo, e a não ser que nos queiramos situar fora dele

27. Prieto Rossi, «Specializzazione del sapere e comunità scientifica», in *La memoria del sapere*, Bari, 1990, p. 353. A diferença mais radical passa porventura pela categoria de «obsolescência» que assenta não propriamente na dicotomia entre o verdadeiro e o falso, mas na oposição entre operativo e não operativo na obtenção de um resultado.

para rejeitarmos, há pontos de passagem que dão lugar às letras clássicas, com a condição de não reclamarmos estatuto nem hegemónico nem exclusivo de outros tempos.

Não há cultura sem sensibilização para a criatividade. Ora o enfado pelo repetitivo, como reacção à produção em série, que favorece o consumismo, mas retira o sentido da singularidade e anula a participação pessoal, tem tido mais que uma manifestação nos nossos tempos. Ao contrário até do que poderia temer-se, a quantificação da ciência moderna, com as categorias do mensurável, longe de reduzir tudo a esteriótipos, leva a reconhecer a irreductibilidade do qualitativo e do indemostrável; a própria construção de modelos teóricos serve para descobrir ou recuperar analiticamente a identidade da diferença através do desvio.

As letras clássicas, quando a elas, oferecem níveis vários de apreciação da criatividade. Ainda que consideremos ultrapassadas as teorias românticas do «milagre grego», não negaremos às letras clássicas um valor originário de formas literárias ou de testemunho de modos institucionais que marcam a cultura ocidental. Na literatura latina, o fenómeno da *imitatio*, como recepção activa, reconhecimento e a superação; a criação, pela própria natureza do processo, torna-se assim actividade consciente na elaboração e no resultado.

O sentido da longa duração está activo na cultura de hoje e explica a explosão da investigação histórica.

Superadas que foram fases anteriores da racionalização extrema ou de acumulações documentais, a memória torna-se crítica para seleccionar ao perceber, por confronto, a diferença de situações ou escapar aos envolvimentos do imediato. As letras clássicas, com uma linha ininterrupta de leituras e de influências até aos nossos dias, permitem introduzir no sentir da longa duração um duplo efeito: levam a situar uma obra literária no interior de uma larga tradição e experimentar o seu valor de significação e de originalidade formal, enquanto constituem balizas para o reconhecimento da alteridade pela determinação quer da matriz, quer dos materiais utilizados, quer do resultado final; levam complementarmente a recuperar traços de semelhança distribuídos em contextos heterogéneos.

Por outro lado, a cultura de hoje, não obstante a “visibilidade” demonstrada pelo choque das transformações tecnológicas e apesar das diferenças correspondentes à mentalidade científica, revela grande sensibilização para o poético-evocativo quer no que significa de reconhecimento dos vários níveis de discurso quer no que toca à busca de complementos a estruturas de conhecimentos que, por simplificação, correm por vezes o risco de não ultrapassarem o binarismo sintáctico e semântico da informática ou as oposições simétricas de algumas reduções estruturalistas. Efectivamente, a procura do inefável, através da palavra poética e da fruição simbólica da linguagem, é hoje uma realidade.

Mas constituirão as letras clássicas uma alternativa defensável em custos de investimento operativo, quando as letras modernas, pela sua qualidade e pela sua abundância, têm lugar, se não invejável, pelo menos de legitimidade aceiteada? Ou terão as letras clássicas de recolher ao silêncio dos gabinetes como textos veneráveis mas “obsoletos”, e obsoletos porque inoperantes ²⁸.

A resposta recolho-a de um psicanalista, Lucien Israel ²⁹. Vinda de uma área diferente da nossa, terá ela maior força como argumentação.

Antes de mais, não é a antiguidade das letras clássicas que constitui distanciamento, mas sim a sua densidade de significação: porque os textos clássicos estão carregados de sugestões e impregnados de vivências estão longe da banalidade do quotidiano; mas onde pode o quotidiano ir buscar uma plenitude intregadora senão a uma relação de plenitude?

Depois, a aquisição de linguagem, para ser adequada à função que lhe corresponde, deve acompanhar o desenvolvimento da personalidade: ora o nível superior da autonomia da personalidade supõe a superação da linguagem afectiva, que retém o indivíduo dominado pelos instintos imediatos de sobrevivên-

cia; tal superação realiza-se quando o indivíduo é introduzido no círculo largo da cultura, que é tanto mais rico quanto mais alargado. Ora, a verdade é que as letras clássicas são o estrato fundamental em que vêm enxertar-se as demais letras da cultura ocidental. Reagir aos seus textos e integrá-los na esfera pessoal de conhecimento e apreciação é criar instâncias de reflexão e de diálogo que funcionam como espelho que restitui o sentido da própria identidade. Ou seja, as letras clássicas são uma base sólida para constituir a linguagem individual, enriquecem o discurso, motivam pela fruição desencadeada pela sua própria densidade de significação, e, como herança comum que são, constituem ponto de encontro para uma sociabilização baseada não apenas no utilitário, mas também no poético.

Uma outra razão postula a presença das letras clássicas no contexto cultural de hoje: a própria concepção de cultura como processo estrutural em que os elementos não coexistem aleatoriamente como simples aglomerado, mas estruturalmente, isto é, segundo uma dinâmica de interferência e condicionamento recíproco, de tal modo que o conhecimento de uma das partes fica dependente do conhecimento das outras e que a globalidade (a cultura, no caso) é algo de distinto da soma dos elementos

28. No sentido de não-operativos.

29. Procuvo reconstituir a sua intervenção em Mesa Redonda no Colóquio dos Estudos Gerais das Associações dos Professores de Línguas Clássicas, em Estrasburgo, em Novembro de 1987. feita oralmente, foi depois retomada em forma escrita no pequeno volume de Actas (Cnarella, *Les états généraux des Langues anciennes*, Strasbourg, 1987, pp. 43-45), não sem que alguns aspectos tenham ficado menos evidentes nesta segunda forma.

30. C. di Sante, Loc. cit.

individuais³⁰. A anterioridade e a presença continuada das letras clássicas no panorama cultural europeu, qualquer que tenha sido o seu estatuto explícito, conferem-lhe um lugar de exceção perante os restantes factores para não poderem ser marginalizadas.

E, voltando à polivalência do antigo conceito de *paideia* que tanto é cultura como educação ³¹, valerá a pena propor aos homens do nosso tempo a lição dos antigos. Releio uma página de G. Highet:

«Um dos mais variados e interessantes métodos para promover a educação é a literatura. A Grécia percebeu que os dramas e os poemas, os contos e as histórias não são apenas entretenimentos fugazes, mas aquisições permanentes do espírito, em razão do seu conteúdo sempre fértil. Tal foi a descoberta dos gregos. Não foram muito ricos nem muito poderosos. O Egipto foi mais rico. A Pérsia foi muitíssimo mais poderosa. Mas os gregos foram cultos porque pensavam. Isto foi o que ensinaram aos romanos. Roma soube muitas coisas que os gregos nunca chegaram a conhecer, ou que aprenderam demasiado tarde. Roma pacificou os bárbaros belicosos, construiu estradas, portos, pontes e sistemas de irrigação e criou direito. Isto também é cultura. Mas não é o seu cume. Os gregos compreenderam que o cume da cultura é o pão do espírito e souberam dar esse pão aos outros.

Os romanos passaram a toda a Europa ocidental o alimento espiritual que haviam recebido dos gregos. Foi purificado e fortalecido pelo cristianismo, que, ao expandir-se, assimilou ainda mais a substância do espírito grego. Depois desmoronou-se o Império romano, primeiro no Ocidente e depois no Oriente. Nada sobrevive da sua riqueza nem da sua força material. Sobrevive sim a força espiritual da Grécia e de Roma. Esta conquistou os conquistadores bárbaros e, de seguida, cultivou-os. Contribuiu para fazer de nós o que somos.

A verdadeira relação que há entre o mundo moderno e o mundo clássico é, em escala mais ampla, a mesma que houve entre Roma e Grécia. É uma relação pedagógica. Roma foi rica e poderosa. Consagrou grande parte da sua riqueza e do seu poder aos deleites sensuais: corridas de cavalos, banquetes, barcos de prazer, estâncias luxuosas e trajes de espavento. Mas, ensinados pela Grécia, muitos romanos empregaram também a riqueza e o poder para tornar possível que quantos soubessem ler, então como mais tarde, dispusessem de uma vida espiritual mais vigorosa e mais qualificada. A esses homens recordamo-los sempre. Conhecemos a alguns brilhantes conquistadores e a alguns tiranos: César, Nero, e... quem foi que derrotou Aníbal?... Aos milionários já os esquecemos; a única coisa que sabemos é que eram personagens ridículas que obrigavam a servir-lhes pratos de línguas

31. Tese fundamental de W. Jaeger, *Paideia. Os ideais da cultura grega*, Lisboa, 1967.

de rouxinhol e que se banhavam em piscinas de ouro com água tépida. Em contrapartida, conhecemos e admiramos ainda homens (ricos ou pobres) que souberam empregar a sua inteligência: um foi advogado autodidacta e, depois de chegar ao topo da sua profissão, depois de desempenhar os mais elevados cargos do Estado, tomou uma voz persuasiva para expor muitos dos problemas mais árduos da filosofia greco-romana; outro era um rapaz do campo, mas, tendo expressado todo o destino do povo romano em molde heróico grego, inspirou Dante e Garcilaso, Milton, Vitor Hugo e tantos outros; um terceiro era filho de escravo, nascido no árido meio-dia de Itália, rumou até Grécia com grandes sacrifícios de seu pai, e, de regresso à pátria, escreveu, primeiro, sátiras contra os ricos avarentos e, depois, poemas, alguns deles de profundo patriotismo, que divertiram, encantaram e deram força a milhares de homens modernos. Estes homens chamam-se Cícero, Virgílio e Horácio. Da Grécia recordamos a Homero, Platão, Sófocles, Aristóteles, enquanto que os ricos e poderosos, luxuriosos e sôfregos, deixaram de contar. Apenas vive o pensamento e a arte»³².

3. Que condições oferece a Europa de hoje para que esta memória se mantenha operativa no homem do nosso tempo? A história mais recente das reformas educativas não nos deixa tranquilos quanto ao lugar reservado às línguas clássicas de forma a preservar a

funcionalidade da sua intervenção como factor cultural.

Perderam elas efectivamente o lugar que durante séculos lhes foi concedido na formação geral; passaram ou para o regime de opções ou para o quadro das preespecializações; sofrem as consequências de tempos escolares drasticamente reduzidos; não lhes é concedida suficiente integração curricular. Se, em alguns momentos, as estatísticas deixaram entender ainda uma frequência relativamente alta, por vezes até com índices de aumento, uma análise serena revela que os numerosos são enganadores pois não reflectem imediatamente a situação de conjunto. O ensino das línguas clássicas sofre ora com a falta de continuidade de frequência por parte dos alunos ora com a heterogeneidade dos grupos. Em intervenção no XI Colloquium Didacticum Classicum, celebrado em Tubingen, em 1986, o Prof. Kjeld Mathiessen, da Universidade de Munster, resumia a situação da Alemanha em forma paradoxal: «Nunca na história escolar alemã tantos alunos souberam tão pouco latim como hoje». Infelizmente, o juízo de situação é extensivo, em larga escala, aos outros países da Europa. A regressão vem de longe e institucionalizou-se de forma ora lenta ora brusca, mas imparável, ao longo do século XX: a Dinamarca sofreu a no virar do século, a Itália viu-a desabar escandalosamente com a reforma Gentile nos anos 20, a Inglaterra não a conseguiu impedir nos anos 50, a França

32. *Op. cit.*, II, pp. 368-369.

foi atingida em finais de 60; em Portugal, onde as reformas escolares nunca deram às línguas clássicas qualquer relevo, conhecemos o panorama de avanços e recuos numa franja curricular sempre estreita; em Espanha bem gostaríamos que o panorama constituísse excepção.

As reacções corajosas por parte dos responsáveis do ensino das nossas disciplinas evitou certamente as consequências mais negativas, mas na prática não se conseguiu inverter o sentido do movimento. E, na verdade, quando as razões invocadas para as reformas escolares não são de carácter cultural, mas de índole económica ou de conveniência política, temos que reconhecer que lutamos com armas desiguais.

Mas será que havemos de nos resignar a uma tolerância condoída sem capacidade interventiva e decisória (33)? Não constituirá a cultura parte da qualidade de vida que tanto se apregoa e não farão as letras clássicas parte integrante dessa cultura?

As soluções apresentadas pelas novas reformas são altamente negativas se não perversas. O sistema incontroado de opções, tal como é proposto, põe a claro deficiências de fundo com consequências nefastas para as nossas discipli-

nas. Como acentuava Peter Wulfing, em encontro com os representantes das Associações Francesas de Línguas Antigas realizado em Estrasburgo na própria sede do Parlamento Europeu, em 1987, «perdemos o consenso sobre o que merece ser aprendido e que é útil saber, ou seja, sobre as prioridades a manter no âmbito do ensino geral; quando não sabemos como justificar a orientação, preferimos hoje deixar tudo aos gostos pessoais ou aos caprichos dos alunos sem medir a fragilidade de semelhantes critérios; consequência para as línguas antigas: retiram-se do currículo obrigatório do primeiro ciclo e adia-se o início da sua aprendizagem»³⁴.

Por seu turno, a invasão das especializações deu de barato o que em tempos era designado como «cultura geral» e que compreendia a frequência das disciplinas humanísticas.

Simultaneamente a repartição de horários entre as áreas tecnológicas e as humanísticas não foi favorável a estas, nem em tempos nem em distribuição ao longo da semana.

A acção dos responsáveis pelo ensino das línguas clássicas tem sido a de argumentar sobre as virtualidades que o seu estudo apresenta. Lembre-se que a aprendizagem das línguas clássicas

33. Recorda Pier Cova, *Latino e didattica della continuità*, Brescia, 1982, p. 24: «O pior serviço que se pode prestar às nossas disciplinas é o de as manter acriticamente, só por nostalgia. Esta parece ser, todavia, a linha tendencial das reformas actuais que não têm coragem de fazer declaração de inutilidade e no entanto restringem o espaço do latim (com isto esvaziando-o de razões), por falta de clareza nas funções a atribuir-lhe, como provam à saciedade as hesitações de colocação nos projectos de reforma a fazer e as batalhas de palavras; nas reformas feitas».

34. Peter Wulfing, «Le latin et le grec en Europe: la situation actuelle», in Cnarella, *Les états généraux des langues anciennes*, Strasbourg, 1987, pp. 26-35.

leva a dominar as estruturas da própria língua materna, tornando-se mais explícitas pelo contraste que obriga a estabelecer; acentua-se que o exercício de tradução dos textos clássicos reverte em ganho de apreciação estética e em clarificação discursiva e rigor de análise; sublinha-se o valor da relação de origem para dominar um léxico rico e motivado, quer da linguagem comum quer das linguagens específicas, mesmo do sector técnico; recorda-se que a língua não é um mecanismo arbitrário de mero jogo de oposições, como alguns seriam levados a julgar, mas um processo cultural cuja história não pode ser ignorada; aponta-se igualmente a vantagem que daí advém para o estudo das literaturas modernas por ter em conta as linguagens sobre as quais as mesmas se fundam; chama-se a atenção para o factor de coesão cultural que as letras clássicas podem desempenhar numa Europa que se reencontra numa casa comum; insiste-se na necessidade de proporcionar juízos críticos que atinjam mais os valores que os interesses.

Enfim, à força de nos enfiarmos com as adversidades, constituímos toda uma bateria de argumentos que gostaríamos que convencessem os menos convencidos. Parece-nos exemplar, pela coragem e lucidez de enfrentamento dos problemas e pela acutilância de linguagem o conteúdo da *Carta de Paris (1989): Didáctica das Línguas Antigas*

que, derivada de uma reflexão esclarecida e vibrante (autêntico grito de vida de quem se recusa a assistir a cortejos de morte), não será demais voltar a propor como leitura ³⁵.

Não pensamos que as línguas clássicas e o que elas representam sejam uma panaceia para os males de que enferma a sociedade dos nossos dias. Mas sendo elas o molde que fez a Europa a que pertencemos não quereríamos que sem elas se perdesse o sentido de uma cultura em que se pretende apostar. Queremos continuar a propor ao homem de hoje o suplemento cultural do homem de ontem para que o de agora se sinta mais disponível e motivado nas suas escolhas.

A seriedade e o rigor com que procuramos desempenhar as nossas tarefas, a começar pela nossa preparação científica, é certamente um bom argumento numa cultura de especializações e faz possivelmente de contrapeso à prova de utilidade ou de consistência científica que os nossos interlocutores serão tentados a exigir.

Mas também não queremos ficarmos por uma especialidade de laboratório. Por vezes, temos passado demasiado tempo a insistir sobre certas particularidades menores, descurando o objectivo final de fruição dos textos. Quanto a estes, teremos por vezes ficado excessi-

35. Trata-se, na verdade, de um texto inicialmente elaborado pela Arelab (Besançon), em 2 de Março de 1988 e assumido pela Cnarela no seu conjunto. V. «Projet de 'Nouvelles thèses de Besançon', ou proposition de Besançon pour un texte national: Didactique des langues anciennes - Charte de Paris (1989)», *Classica*, 16, 1990, 106-112.

vamente dependentes de um cânon tradicional, esquecendo as motivações dele, sem perceber que o grau de dificuldade de alguns textos propostos é incompatível com os tempos disponíveis. Será talvez por isso que o primeiro exercício que reclamamos dos nossos alunos é o de traduzir, quando seria mais atractivo sensibilizar para a leitura, em esforço progressivo, através de textos simples que fazem parte da grande latinidade? Se o nosso tempo é sensível à longa duração, porque não reconstruir com os nossos alunos a linha contínua da latinidade que atravessa a Europa inteira e acompanhou a formação das letras modernas?

Enfim, a nova conjuntura cultural interpela-nos duplamente: como participantes de parte inteira, que temos de justificar o emprego do nosso tempo e como mediadores em que não podemos perder a confiança em nós depositada. Se aceitamos ocupar-nos de tarefas míni-

mas, como a de demonstrar a estrutura de uma frase e de uma palavra, ou a de reconstituir um paradigma, ou também a de examinar a tradição filológica de um texto e discutir as suas variantes ou recuperar a história dos seus suportes, é porque queremos que essa cultura não fique privada de conteúdos que lhe pertencem e por isso construímos e mantemos instrumentos indispensáveis para lhe dar continuidade. Nesse nosso esforço implicamos o sentido do rigor da ciência moderna e o sentido da fruição daquilo que o engenho humano conseguiu exprimir de mais belo. Com isso não pretendemos dotar ninguém de um saber enciclopédico, mas ajudar o homem de hoje a ser capaz de não esquecer o homem de ontem para ser responsável do homem de amanhã e integrar de forma harmoniosa o seu quotidiano. É essa a função que queremos continuar a atribuir às *litterae humaniores*.